

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Curso de Pós-Graduação em Teorias e Práticas da Geografia
Escolar

Felipe Andrade Vilela e Silva

**O NISE DA SILVEIRA E AS MÚLTIPLAS
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
DA LUTA ANTIMANICOMIAL**

Rio de Janeiro
2022



Felipe Andrade Vilela e Silva

**O NISE DA SILVEIRA E AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
DA LUTA ANTIMANICOMIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Orientador Professor Me. Marcus Vinicius
Silva Gomes

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Felipe Andrade Vilela e
O Nise da Silveira e as múltiplas possibilidades pedagógicas da luta
antimanicomial / Felipe Andrade Vilela e Silva. - Rio de Janeiro, 2022.

30 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso
(Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio
Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcus Vinicius Silva Gomes.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Saúde Mental. 3. Psiquiatria. 4.
Instituto Municipal Nise da Silveira. 5. Prática de ensino. 6. Educação -
Trabalho científico de campo. I. Gomes, Marcus Vinicius Silva. II.
Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 910

Felipe Andrade Vilela e Silva

**O NISE DA SILVEIRA E AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
DA LUTA ANTIMANICOMIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Marcus Vinicius Silva Gomes (Orientador)
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Demian Garcia Castro
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Daniel Pereira Rosa
Departamento de Geografia / UFF

Rio de Janeiro
2022

O NISE DA SILVEIRA E AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA LUTA ANTIMANICOMIAL

Felipe Andrade Vilela e Silva

Resumo: No presente trabalho trataremos da relação entre a luta antimanicomial e suas possibilidades pedagógicas, pensadas a partir do Instituto Municipal Nise da Silveira em seus espaços vinculados e suas configurações atuais, relativas ao processo de desinstitucionalização. Como objetivo central do trabalho, vamos analisar como é possível pensar e apresentar uma pedagogicidade que envolve uma geografia antimanicomial. Para tal, baseado na experiência, observaremos notadamente dois espaços distintos onde geografia e saúde mental se encontram: o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana e o Espaço Travessia. Tais iniciativas conjugam arte e cultura com educação e saúde mental em suas práticas. Enquanto percebemos uma valiosa abordagem pedagógica no Loucura Suburbana e o seu desfile, saindo do Nise e ocupando as ruas do Engenho de Dentro em um encontro com seus foliões; o Espaço Travessia, outra iniciativa gestada a partir do mesmo Instituto, recebe artistas de diversas origens e promove ocupações que contribuem para pensar as questões da cidade de maneira crítica, imaginar e criar novos horizontes de transformação a partir da força da cultura como promotora de saúde. O trajeto sugerido pelo Loucura traz uma espacialidade para a luta antimanicomial e o subúrbio cantados em seus sambas, configura-se como uma importante relação de educação não-formal. Já no Espaço Travessia encontramos possibilidades de agregar propostas ligadas ao ensino de geografia. A partir, mas para além, de uma geografia escolar, propomos uma atividade de campo com alunos do ensino fundamental, um exercício de deriva, uma experiência coletiva que privilegia a criação de diferentes caminhos.

Palavras-chave: luta antimanicomial; educação geográfica; trabalho de campo; deriva

*Os afetos atravessam o corpo como flechas,
são armas de guerra.
Gilles Deleuze e Félix Guattari¹*

1. INTRODUÇÃO: aproximações entre a Geografia e a luta antimanicomial

Todo dia 18 de maio, desde 1987, quando foi realizada a I Conferência Nacional de Saúde Mental, é celebrado o dia da luta antimanicomial.

O Brasil lutava. Em um processo de redemocratização o direito de votar reunia desejos e anseios, o congresso se reunia para elaborar uma nova Constituição e diversos grupos sociais mobilizados se articulavam para ter seus direitos garantidos.

“Por uma sociedade sem manicômios”² surgia como um lema de uma luta que já era travada há algumas décadas. Apesar de um árduo processo, nada linear, desde o início da década de 2000 já víamos leitos em hospitais psiquiátricos começarem a ser fechados e o tratamento de saúde mental ganhar um caráter mais humanizado, aderindo serviços abertos e de base comunitária.

A importância da Lei da Reforma Psiquiátrica, no entanto, não pôde garantir que este processo fosse de conquistas plenas. Algumas violações já existentes passaram a ser relativizadas e até legitimadas pela consolidação da necropolítica no país.

Os manicômios carregam a assombrosa herança de condenar pacientes à sentenças cumpridas em regime fechado por tempo indeterminado, enquanto nem nossa legislação criminal prevê pena de prisão perpétua. O caráter higienista que historicamente tiveram e o racismo institucional na lógica da limpeza social fizeram destes hospitais microcosmos exacerbados de tudo que nos revolta na sociedade: preconceito, violência, desigualdade...

No momento em que o sofrimento, por certa experiência confinamento, de alguma forma, se expandiu para o cotidiano de grande parte da população global, talvez seja uma fresta sensível para abordar questões bastante antigas e relevantes, mas que de alguma maneira atingiam grupos tidos como fora da normalidade. Ideias e termos superexplorados como “novo normal” e “todos no mesmo barco” banalizaram e despolitizam discussões necessárias sobre direitos, saúde mental e redes de sociabilidade-solidariedade.

Embora estejamos longe de experiências espacialmente menos desiguais e não acreditemos que a empatia com um vizinho ou familiar tenha subitamente se transformado de maneira considerável em um pensamento mais coletivo que tenha incorporado uma maior consciência de classe, o recente estado de crise implantado pela disseminação do *coronavirus* impôs um terreno no qual os privilégios conhecidos não

¹ Passagem dos filósofos franceses sobre o conceito de *afeto*, baseado no filósofo holandês do século XVII, Baruch Spinoza. Essa emoção/sentimento é base para o trabalho da Dr Nise da Silveira para pensar o processo de cura e revolução no âmbito da saúde mental. Nise inclusive, já no final de sua vida, chega a escrever uma série de cartas endereçadas à Spinoza, propondo um diálogo aberto com seu mestre de outra época.

² Ver mais sobre o processo conhecido como Reforma Psiquiátrica, os avanços e ameaças para a luta antimanicomial no Brasil nas reportagens:

<https://bvsmis.saude.gov.br/20-anos-da-reforma-psiquiatrica-no-brasil-18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial/>

https://desinstitute.org.br/noticias/uma-breve-e-recente-historia-da-reforma-psiquiatrica-brasileira/?gclid=CjwKCAjw2OiaBhBSEiwAh2ZSPzTInmdqLtLutVreUBXNhd6x6pYx7fMUL1Yv3l-Zx79F8w0_MjXFDRoCxgkQAvD_BwE

conseguiram dar conta de proteger totalmente os grupos sociais mais favorecidos. Enquanto isolados socialmente, mesmo com o conforto, toda esta geração contemporânea se percebeu diante da questão da *liberdade* e foi levada a pensar o quanto nossos corpos na rua, circulando, produzindo encontros, afeta nossas vidas.

Se considerarmos o acesso à internet, as possibilidades de comunicação com entes queridos e até mesmo a chance de escolher por se juntar com alguém, para não padecer de tédio, desesperança, solidão; ao mesmo tempo a realidade para muitas pessoas seguiu afetada mais severamente enquanto indivíduos segregados, invisíveis, internados e isolados sem visitas de familiares, durante o período recente de pandemia de COVID-19.

A luta antimanicomial segue como uma articulação de um movimento ainda mais restrito a trabalhadores e pacientes ligados diretamente à saúde mental, embora entendamos que seja uma pauta de escala ampla e com potencial de confluir em diversas outras lutas.

Entendemos a “manicomialidade” como uma lógica estruturante em nossa sociedade, que transcende às práticas de encarceramento e privação de liberdade de indivíduos, muitas vezes submetidos a outras violências institucionais, mas ligada também a contenção dos corpos, controle das emoções, padronização da vida. O geógrafo Lucas Honorato nos ajuda a pensar essa lógica, como uma “estratégia espacial de neutralização da ferocidade dessa diferença radical e dessa diversidade” (HONORATO, 2021).

Diante deste panorama, buscaremos uma aproximação entre a geografia, saúde mental e educação: entre privações e autonomia.

Como paciente de saúde mental desde o início da fase adulta, venho enfrentando as forças da estrutura manicomial no cotidiano. Tanto do ponto de vista simbólico, que pressiona e abafa subjetividades, que envergonha e estigmatiza o sujeito associado à loucura, quanto por experiências em espaços de internação, tendo sofrido violências institucionais, mas também sendo afetado por momentos de apoio e cooperação. Essa relação se revela complexa e diversa enquanto vivência. A busca por engajamento e estudo no movimento de luta antimanicomial parte de uma motivação pessoal, sentida no corpo, mas que se articula de maneira muito orgânica com as lutas por uma sociedade mais justa, em diversas escalas, pensando o *direito à cidade*. Sobre o conceito, em 1967, pensa o filósofo francês: “significa o direito dos cidadãos-citadinos e dos grupos que eles constituem de figurar sobre todas as redes e circuitos de comunicação, de informação, de trocas.” (LEFEBVRE, 2016, p. 33)

De acordo com Lefebvre (2016), o direito à cidade “significa, portanto, a constituição ou reconstituição de uma unidade espaço-temporal, de uma reunião no lugar de uma fragmentação” (p. 34). Neste sentido, podemos pensar em uma radicalização do que seria um acesso aos bens e serviços dispostos no espaço, mas como um direito à produção do espaço.

Sendo assim, não reforçaremos estigmas e cuidaremos para não idealizar e fetichizar a ideia de loucura. Uma intervenção lúcida do poeta-cantor Belchior: “a minha alucinação é suportar o dia-a-dia/ meu delírio é experiência com coisas reais”³.

Nesse sentido. Investiremos em confrontar uma perspectiva binarista ou polarizada entre os termos supracitados. Além de uma proposição de tensionar privações e autonomia, pensando entremeios e possíveis significados derivados destas ideias, buscaremos considerar o que este par dialético também não traz consigo. Pensar geografia e saúde mental, para nós, faz sentido, por toda complexidade presente em cada termo, na interação entre estes e para além do que abarcam.

³ Trecho da música *Alucinação*, de álbum homônimo e lançada por Belchior, em 1976

Para ilustrar, mas não somente isso, para nos “ajudar a olhar”, como o próprio Eduardo Galeano sugere em “Para o que serve a arte I”, outra passagem da mesma obra “El Libro de los Abrazos”, traremos “O Mundo”, redigido em espanhol, língua original e também disponível em áudio, com a inconfundível grave e pausada voz do autor:

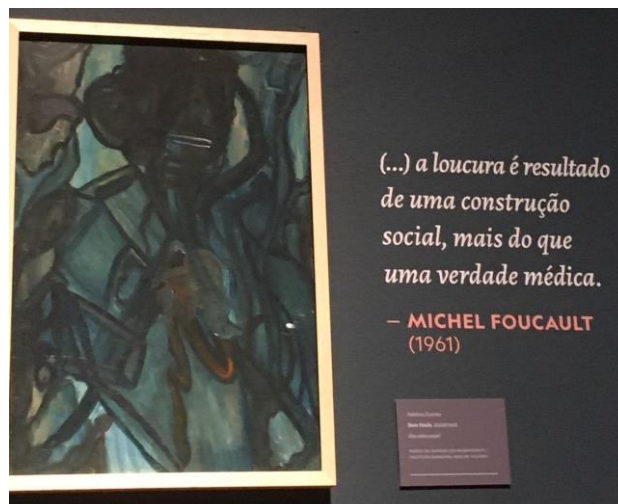
Un hombre del pueblo de Neguá, en la costa de Colombia, pudo subir al alto cielo. A la vuelta, contó. Dijo que había contemplado, desde allá arriba, la vida humana. Y dijo que somos un mar de fueguitos. El mundo es eso, reveló. Un montón de gente, un mar de fueguitos. Cada persona brilla con luz propia entre todas las demás. No hay dos fuegos iguales. Hay fuegos grandes y fuegos chicos y fuegos de todos los colores. Hay gente de fuego sereno, que ni se entera del viento, y gente de fuego loco, que llena el aire de chispas. Algunos fuegos, fuegos bobos, no alumbran ni queman; pero otros arden la vida con tantas ganas que no se puede mirarlos sin parpadear, y quien se acerca, se enciende. (GALEANO, 2015)

Só “O mundo” poderia dar conta do que traremos como esforço teórico-prático de como esse sujeito-outro, em estado singular (clínico-corpóreo-sensível) existe, em relação, experimentando um campo energético capaz de “se acender”, como um *acontecimento*, para chamar os *situacionistas*⁴ para o diálogo.

⁴ O grupo conhecido como *situacionistas*, reunia intelectuais europeus, em Paris, nos polvorosos anos da segunda metade da década de 1960 e início dos anos 1970. Entre eles estavam (Debord, 1997) e (Vaneigem, 1992)

A ideia de *acontecimento* era entendida como o espaço-tempo que, diante de um contexto, reunia condições potentes para se realizar com força insurgente frente aos arranjos hegemônicos.

Figura 1: Frase de Michel Foucault sobre a loucura em exposição recente, no CCBB-RJ, sobre Nise da Silveira.



Fotografia: próprio autor, 2021

A sinergia entre as empirias do objeto(s) de estudo pode ser ilustrada com o trabalho do já falecido geógrafo escocês Neil Smith (1997). Com sua geografia radical, nos apresenta uma espécie de instalação artística que projeta um veículo do sem-teto. Esta experiência estética é vista por ele como uma forma de análise escalar. Trata-se movimento de escala fronteiriça do corpo transitando no espaço cotidiano como fundamentação teórica aqui, desse sujeito outro, que desafia e transgride, subverte e se insurge na antimanicomialidade.

Como objetivo central do trabalho, vamos analisar como é possível pensar e apresentar uma pedagogicidade que envolve uma geografia antimanicomial.

No presente trabalho, versaremos sobre as pontes entre geografia, saúde mental, privação de liberdade, do direito à produção do espaço e dos movimentos de (re)existências no espaço.

Aqui, sairemos do entendimento de espaços de cuidado de saúde mental como instituições tradicionais que visam o tratamento, como remanescentes da lógica manicomial. Lançaremos o olhar, sobretudo, para espaços onde a vinculação, o acolhimento e a troca expressem o cuidado com a saúde mental.

Para além do exemplo ou do consagrado “recorte espacial”, lançaremos mão de um estudo empírico, baseado na experiência, notadamente em dois espaços distintos onde geografia e saúde mental se encontram: O Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana e o Espaço Travessia, iniciativas que conjugam arte e cultura com educação e saúde mental.

À dimensão prática, se soma e constrói como base uma importante sustentação que conjuga uma discussão teórica sobre a temática antimanicomial, incorporando um olhar geográfico.

Para o presente trabalho, estruturaremos o desenvolvimento do mesmo a partir de algumas seções. Primeiramente, apresentaremos o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana e o que observamos como contribuição pedagógica de suas atividades para a comunidade, inclusive como seu evento-desfile, atraí novos grupos enquanto foliões para esse fazer-junto.

Em seguida, lançaremos a questão de como a saída de campo pode potencializar a experimentação geográfico-pedagógica, propiciando espaços de libertação em relação ao controle constitutivo da institucionalidade do ensino escolar. Na sequência traremos o

Espaço Travessia para pensar possibilidades de luta através da arte. Toda a urgência e o horizonte para caminhar em relação à antimanicomialidade se somam a outras frentes de ação e a refuncionalização do espaço se mostra como processo, marcado pela coletividade nas ocupações. De lá, retomamos as atividades pedagógicas em campo, mas dessa vez a deriva surge como método para mobilizar os estudantes nessa investigação em travessia.

Caminharemos assim para uma transposição e articulação de escalas, envolvendo o Espaço Travessia, o Instituto Nise da Silveira, o entorno... pensaremos como educação não-formal e ensino formal se articulam, como ir além dessas conceituações e ultrapassar muros imateriais para fortalecer vínculos e compor redes de afeto. Por fim, teceremos considerações, sem a pretensão de chegar a conclusões, mas pensar aberturas e possibilidades.

2. LOUCURA SUBURBANA E SEU DESFILE: uma “pedagogia” envolta de “geografias”

*“Quando um poeta compõe mais um samba
ele funda outra cidade”
Dona Ivone Lara⁵*

Nesta seção inicial, buscaremos analisar o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana (BLS), que teve seu desfile de estreia em 2001, conta com sede própria no Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia, onde também encontramos atividades como exposições e oficinas, integrando o Instituto Municipal Nise da Silveira, no bairro do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro-RJ.

Como pressuposto, temos a dimensão educativa do Bloco Loucura Suburbana tendo relação significativa com a espacialidade produzida pelo bloco no momento do evento-desfile. Isto é, a posição relativa de corpos e objetos, assim como o percurso que delinea o cortejo do BLS são elementos-chave para o entendimento de seu próprio caráter educativo.

⁵ Frase inspiradora contida na composição “Força da Imaginação” de Dona Ivone Lara, sambista, enfermeira e assistente social que trabalhou junto com Doutora Nise da Silveira, ela exerceu a nobre função de buscar vínculo entre os pacientes e seus familiares. O pioneirismo de Doutora Nise, através do ramo da terapia ocupacional, da arte, trabalhando as imagens do inconsciente, foi possível o embrião do que hoje chamamos de luta-antimanicomial. Nesse sentido, concordamos com Dona Ivone: a potência criativa transforma o espaço da cidade.

**Figura 2: Desfile do Bloco
Carnavalesco Loucura Suburbana**



Fotografia: próprio autor, 2020

Tal espacialidade do evento-desfile pode ser examinada segundo dois níveis de análise:

- a) A sua exposição à visualidade no espaço público:
 - *a rua como representação espacial da liberdade: dos espaços de privação ao espaço de livre circulação;*
 - *a organização espacial do bloco (disposição padronizada de corpos, objetos e música) como produtora de seu conteúdo discursivo.*
- b) O seu percurso como mobilizador de um discurso:
 - *a importância do trajeto do BLS em sua construção discursiva; o Engenho de Dentro como o lugar de referência para a luta antimanicomial.*

3: Esquema cartográfico relativo ao trajeto, pelas ruas do Engenho de Dentro

Trajeto de desfile - Bloco Loucura Suburbana



Autora: Maíra Chalfun, 2022

Desse movimento de pesquisa, entendemos a importância das oficinas e demais atividades promovidas pelo Loucura Suburbana como meios de trabalhar a educação geográfica; bem como pensar o percurso do bloco carnavalesco Loucura Suburbana pelas ruas do Engenho de Dentro, desde o Instituto Municipal Nise da Silveira, como um trajeto de campo.

Detalhadamente, o trajeto do desfile do BLS tem sua concentração feita dentro do Instituto Municipal Nise da Silveira, até que se dá a abertura do portão principal e a saída para a Rua Ramiro Magalhães. Em seguida, foliões são conduzidos pela Rua Gustavo Riedel, Rua Pernambuco, até chegar na Praça Rio Grande do Norte. Na praça, o samba enredo do ano dá uma pausa com o cortejo; novas pessoas ainda chegam, outras aproveitam a parada para descansar e a Bateria Insandecida toma conta do momento, com seus ritmistas empolgando os foliões. De lá a harmonia e o canto retomam puxando sambas e um caminho de volta se inicia pela Rua Barbacena, Rua Ana Leonídia, Rua Gustavo Riedel, até chegar finalmente à Rua Ramiro Magalhães, onde o desfile faz seu fechamento em celebração conjunta, com agradecimentos na despedida. Até o próximo desfile!

Nesse sentido, entendemos os foliões como convidados para um trabalho de campo, sendo apresentados à instituição, ganhando às ruas, ocupando a praça e retornando, tomando os sambas-enredo como narrativas do espaço cotidiano e se aproximando da realidade do lugar.

Como consequência, e ainda como objetivos nesses desdobramentos, faremos o exercício de buscar estratégias de articulação de escalas para que um modo de vida se corporifique em pequenos movimentos de escala do bairro (coletivos, casas...) até se

encontrar (sem ser abafados) em movimentos sociais mais abrangentes, analisando como a luta antimanicomial pode representar um espaço de confluência de lutas.

Quando pensamos em educação; educação geográfica, ensino de geografia, geografia da educação e outros termos importantes, geralmente, logo imaginamos o ambiente escolar, por mais diverso que isso seja.

Nosso questionamento vai na direção de pensar outros espaços de vivência cotidiana, sejam estes de configuração mais efêmera ou de uma escala maior de permanência, bem diferente da escola. Nesse sentido vamos focar nossa observação em espaços de cuidado de saúde mental, sempre considerando suas especificidades, e questionar como a educação e a geografia são chaves bastante importantes para melhor entender esses espaços.

Embora esteja inserido no Instituto Nise da Silveira, enquanto escala mais formal e como uma espacialidade onde se organiza com atividades, o Loucura Suburbana transcende essa condição. Não partindo de um serviço de saúde nos moldes tradicionais, como se convencionava pensar, a própria designação como um polo de cultura já aponta para outra lógica preponderante, a interface entre arte, folia e saúde mental. Os trabalhos desenvolvidos há mais de 20 carnavais são construídos na escala do cotidiano. A criatividade é trabalhada e direcionada para a realização. Não se trata apenas de um espaço para passar o tempo livre, o fazer coletivo se organiza para criar narrativas, para produzir novas paisagens, para além.

Não só no instante em que o BLS ganha às ruas do subúrbio carioca na quinta-feira que precede o Carnaval, tampouco não nos limitaremos a um momento específico ou especial, mas em todo fazer cotidiano desse espaço, o bloco se apresenta como um espaço de cuidado em saúde mental e educação geográfica.

O Loucura Suburbana possui uma dimensão educativa expressa em seu conteúdo discursivo, tanto na perspectiva musical quanto em sua apresentação visual-estética. Quer dizer, a sua própria existência, ainda que orientada à solenidade comemorativa, propõe um debate temático que é, também, mobilizador de um avanço de consciência a respeito da luta antimanicomial.

Este “largo” sentido de educação, conhecido por educação não formal, se difere de sua modalidade mais conhecida: a educação formal, que possui conteúdos previamente demarcados, e é produzida em espaços institucionalmente dedicados para tal (escola, universidade). Segundo a bibliografia mais abalizada, considera-se a educação não formal como “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GOHN, 2006, p.28).

O Bloco Loucura Suburbana nos ensina a “abrir às portas, sair às ruas, cantando junto com loucura, a vida celebrando a paz” como diz um já clássico samba enredo deles, nesses 20 anos de história (pensamos também como a utilização dos sambas-enredo compostos, eleitos e conduzidos nos desfiles do bloco podem instrumento valioso metodológico de análise dessas espacialidades). Fica mais nítido e palpável o evento - desfile como trabalho de campo, por outro lado, as empreitadas, as travessias, o deslizar pela cidade são também algo próximo às derivas⁶. O sujeito antimanicomial ganha e vivencia sua liberdade todo dia. Embora não seja uma conquista material ou um patamar a ser atingido, a sustentação se faz necessária num esforço permanente do que o geógrafo João Rua chama de sustentabilidades, em (RUA, 2007).

⁶ espécie de ida à campo realizada pelo grupo conhecido como situacionistas. A deriva consistia em encontrar a vida, na rua, em suas nuances, como acontecimentos, sem muito planejamento ou roteiro ser seguido.

3.LIBERTANDO (D)AS AMARRAS DO ESPAÇO ESCOLAR: como a ida à campo possibilita uma experimentação geográfico-pedagógica?

Entendemos o trabalho de campo, enquanto método fundante e fundamental na investigação geográfica até os tempos atuais e sua importância reafirmada quando pensamos no viés pedagógico, trazendo - o como meio de aproximação dos estudantes com novas realidades espaciais, como trazido pelas autoras Zusman (2011) e Castro (2020).

Ressaltamos no entanto, que tal atividade não deve ser confundida com um “passeio”, logo, não trataremos como trabalho de campo pedagógico toda e qualquer saída do ambiente escolar para levar alunos para confraternizações ou momentos voltados para o lazer, embora reconheçamos a validade de tais ações e ressaltemos que o caráter lúdico pode, e deve, estar presente na abordagem planejada e proposta pelo professor junto aos seus alunos.

Sendo assim, levaremos em conta a tradição geográfica, sobretudo tratando da geografia escolar e do trabalho de campo como proposta pedagógica, no entanto não adotaremos um modelo tradicional de campo, como corriqueiramente adotado a partir de um roteiro pré-definido, trajeto fechado a partir de pontos de parada a serem cumpridos e conteúdos fixados, estabelecidos pelo professor e passado aos estudantes.

Nossa proposta segue um planejamento pensado através de um contexto espacial que atende problemáticas que emergem do cotidiano, mas que se apresentam como novas paisagens e realidades espaciais específicas, distantes daquelas observadas no ambiente escolar, nas ruas e bairros conhecidos dos alunos. Tal complexidade espacial pode ser percebida pela observação da turma, considerando a subjetividade do olhar sensível de cada um diante da experiência sensorial-emocional de cada corpo em movimento no espaço. A bagagem de aprendizado geográfico se soma às vivências de cada adolescente para que a curiosidade, o estranhamento, a surpresa ou o encantamento sejam chaves para acessar reflexões e conexões entre o que se absorve de cada nova paisagem, se percebe daquela construção espacial e do que se desperta de interesse para investigar, em pequenos grupos e posteriormente com toda a turma e o professor, sobre o passado e as histórias que ali resistem enquanto memória, as contradições e construções que observamos no presente e os desafios e possibilidades que se apresentam para o futuro ao pensarmos neste processo.

Como proposta, pensamos em uma turma de HV, sigla que designa Hora da Virada⁷, um projeto de aceleração de ensino, voltado para adolescentes fora da idade escolar prevista para o ciclo de conclusão do Ensino Fundamental, pela rede municipal de educação de São Gonçalo. Estes alunos encontram-se entre 15 e 18 anos de idade e integram uma turma que conta, atualmente, com 12 alunos.

Já venho trabalhando com turmas de HV desde o segundo semestre de 2016, quando ingressei na rede municipal de São Gonçalo, e desde então sigo como professor de Geografia de ao menos uma dessas turmas. No ano letivo de 2022, só temos uma turma deste projeto no turno da manhã no colégio municipal aqui abordado, diferentemente de outros anos, nos quais haviam mais turmas que abarcavam alunos desta faixa-etária. Alegou-se internamente que seria o último ano com turmas deste modelo e com a formatura destes alunos, fechar-se-ia o ciclo de reparação de adolescentes com distorção

⁷ “O Projeto ‘A Hora da Virada’ tem como objetivo corrigir o atraso escolar, garantir a transmissão de valores e conteúdos necessários para a conclusão do Ensino Fundamental completo, transformando os resultados escolares negativos alcançados até então, em trajetos escolares de sucesso e superação.” de acordo com o Portal Municipal de São Gonçalo.

Ver informação completa em: <https://servicos.pmsg.rj.gov.br/educacao/ahoradavirada.php>

idade-série nesta unidade escolar, logo o projeto deixaria de existir dado o êxito alcançado de sanar essa realidade adversa. Sabemos que tal projeto cumpre uma função importante, no entanto a precariedade relativa à proposta curricular, apoio pedagógico e material didático são faltas perceptíveis para essas turmas, um cenário bastante sintomático da pouca integração e estrutura destinada para uma transformação mais significativa e sustentável na qualidade da educação pública no município.

Entendemos a turma do “Hora da Virada” com característica interessante para participar de tal proposta de trabalho de campo por alguns motivos.

Como contradição diante da falta de um currículo com conteúdos programáticos bem definidos para as aulas de geografia de tal turma, podemos usar da precariedade como adversidade para pensarmos propostas temáticas e metodológicas que articulem conteúdos e conceitos importantes da geografia escolar com expressões e manifestações cotidianas que se espacializem de forma a trabalhar um olhar espacial e exercitar um raciocínio geográfico com estes alunos.

Neste sentido, a faixa etária, que também é bastante citada por colegas como um fator negativo relacionado à uma base de aprendizado, ao vínculo menos consolidado com a escola e mesmo a concorrência do foco, interesse e dedicação às aulas do ensino fundamental em relação a uma realidade de vida voltada para o trabalho, que já consta como realidade na rotina de parte significativa destes adolescentes. No entanto, estas contradições relacionadas à idade dos estudantes, é percebida como uma característica potente para trabalharmos determinadas abordagens geográficas. É comum que alunos entre 15 e 18 anos tenham maior autonomia em relação a um deslocamento pelo espaço urbano, um conhecimento empírico bem trabalhado na observação e no debate sobre as dinâmicas das ruas e bairros, bem como uma maior experimentação cotidiana relativa à percepção de processos e fenômenos que afetam à vida dos cidadãos, como violência urbana, empregabilidade, consumo e poder de compra, transporte e mobilidade, relações de poder no espaço, diversidade, questões raciais, de gênero, religiosidade, manifestações culturais em escala local, etc.

A complexidade se aprofunda quando pensamos que esta juventude na qual enxergamos maior autonomia e importantes experiências nessa geografia do cotidiano, esbarra-se de maneira inescapável em questões de escala. Seja por uma questão de renda, de costume, por barreiras de segurança/insegurança, entre outros fatores, não é raro em conversas trocadas ao longo dos últimos seis anos, encontrar estudantes adolescentes de São Gonçalo que nunca, ou pouquíssimas vezes, tiveram a oportunidade de visitar e conhecer pessoalmente a capital fluminense. O município do Rio de Janeiro, que aparece como referência para os jovens gonçalenses, que reconhecem suas paisagens em livros ou fotos, ilustrados com os típicos cartões postais da Zona Sul carioca, junto à referências como Lapa e Maracanã, ainda são pouco exploradas e vivenciadas por eles, embora sempre se fale de alguém conhecido que trabalha no Rio, já estudou por aqui, ou cruza a ponte para desfrutar do lazer e ofertas culturais da capital durante os finais de semana, feriados ou períodos de férias.

4. ESPAÇO TRAVESSIA: uma fresta criativa de luta através da arte

Hoje configurando-se como espaço cultural-artístico, o Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde/Espaço Travessia ocupa dois andares de enfermarias desativadas do antigo Hospital Psiquiátrico Pedro II, hoje Instituto Municipal Nise da Silveira. Em processo de refuncionalização, o Travessia tem uma coordenação e curadoria próprias e embora fazendo parte de arranjos institucionais, abriga projetos e iniciativas com alto grau de autonomia propositiva. Despontando como pólo artístico-cultural da Zona Norte, pretendem contribuir como possibilidade desconcentrar as iniciativas e atividades de arte e cultura para além do eixo Centro-Zona Sul do Rio de Janeiro. Atualmente representa um ponto de encontro e lugar de realização de experimentos e ocupações de artistas, educadores e coletivos, das mais diversas origens, atuações e trajetórias.

Em entrevista cedida à ANF (Agência Nacional das Favelas), em virtude da abertura da ocupação cultural “Arte, agoniza mas não morre: Nelson Sargento, 9.7”, em julho de 2021, o coordenador e curador do Espaço Travessia, Marcelo Valle falou um pouco sobre a proposta do espaço e a visão de arte e saúde mental promovida pelo Travessia:

Entendemos Arte e Cultura, em seu sentido mais amplo, como ativadores ou catalisadores do potencial criativo de sujeitos que muitas vezes são ou foram anulados dentro das instituições psiquiátricas. Arte como criação e processo de vida, que extrapola os saberes psis e que desde sempre é fonte e motor de potência nos homens, campo de possibilidades, de uma saúde que vai além da ausência de doenças – bem-estar social, físico e mental. Processo de intervenção, expressão e comunicação com o mundo e com nós mesmos.

O passado, inclusive recente, ainda percebidos nas paredes de antigas baias, enfermarias e depois espaços que materializam o manicomialidade nas dependências do tradicional hospício no bairro suburbano fluminense do Engenho de Dentro contrasta com a negação desta lógica. As marcas que resguardam traços das paisagens frias e silenciadas de outrora, são reapropriadas ao serem grafadas com cores e gritos que ocupam o espaço. As memórias, os traumas, o sofrimento vivido por antigos pacientes não se pretendem apagar, o contexto que envolve o Travessia é o que o faz potente e convergente para uma perspectiva criativa, que conjuga o engajamento político e a permanência da ocupação (em contraposição à lógica de uma exposição, efêmera, focada na exibição de obras, para um público externo que toma contato, se afeta, mas logo se desvincula daquele centro cultural), sem deixar assentar-se no imobilismo, tão preocupante se tratando deste lugar.

Figura 4: Intervenção grafada em porta que divide Espaço Travessia



Fotografia: próprio autor, 2022

O movimento é a tônica, e a travessia sugerida no nome soa como um convite aberto para experimentar o espaço e produzi-lo frequentando, propondo, intervindo, ocupando, sempre em permanente construção, a partir dos afetos.

A ideia de um espaço de pertencimento, repleto de valor simbólico, o lugar do vínculo, das relações afetivas e do acolhimento, contrastam com o histórico segregado, controlado e privado de liberdade, vide a porta remanescente do período recente que ainda abrigava pacientes internos da psiquiatria, agora reapropriada, incorporada na paisagem artística. A intervenção ilustrada acima subverte o sentido da advertência do escrito original da placa para “ATENÇÃO: aqui somente pessoas DESautorizadas”, na interface de transformação do espaço via intervenções estético-políticas.

Nesse complexo jogo de significados e subjetividades, a memória do hospício resiste por toda parte, mas partindo dela, as intencionalidades de um espaço produzido a partir de relações menos traumáticas, que transformem o histórico de sofrimento, as relações de poder assimétricas e lógicas violentas de dependência sujeição em novas redes de colaboração, apoio, criatividade e fazer conjunto numa perspectiva horizontal que aponte para um horizonte de grandes transformações, revoluções nas escalas próximas, de corpos se encontrando no espaço e expandindo possibilidades.

4.1. Estudantes em Travessia: uma proposta de campo à deriva

Embora tenhamos pensado em um trabalho de campo direcionado para o Instituto Municipal Nise da Silveira, localizado no bairro do Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro, com a característica espacial da grande região chamada de subúrbio, de acordo com a sua formação e desenvolvimento urbano associado à linha do trem, não aparece como nosso objetivo central, apresentar ao aluno uma noção mais profunda ou aproximada do que seria o Rio de Janeiro como capital do estado e toda sua importância histórico-política-econômica-cultural para o Brasil e em outras escalas.

5 Esquema cartográfico de localização do IM Nise da Silveira, com destaque para espaços internos referenciados durante a atividade de pedagógica de campo proposta.



Autora: Maíra Chalfun, 2022

Sendo assim, consideraremos que as trajetórias de cada adolescente da turma compõem seus pontos de vista e subjetividades enquanto observam as paisagens, desde a saída da escola, até a chegada ao Instituto.

Levando em conta o horário convencional das aulas, no turno da manhã, pensamos que 7:30h se manteria como hora prevista, ao invés de subir as escadas para iniciar uma aula de geografia em sala de aula, como de costume, entraríamos no ônibus cedido pela secretaria de educação e sairíamos do bairro do Boáçu, em São Gonçalo – RJ, rumo ao

Instituto Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro – RJ. Esta viagem intermunicipal, cruzando a Baía de Guanabara, pela Ponte Rio-Niterói, pode variar bastante quanto ao seu tempo, sobretudo considerando o movimento de contra fluxo, no sentido Rio, para onde se deslocam diariamente grande contingente de trabalhadores oriundos de Niterói, São Gonçalo e demais municípios vizinhos.

Todo esse trajeto, partindo das paisagens observadas através das janelas do ônibus, as conversas e trocas de impressões sobre elas e dúvidas que surjam, já fazem parte do conteúdo trabalhado em campo.

Imaginando que perto das 9h estaríamos chegando próximo ao nosso destino desejado, pensamos que o ônibus poderia nos deixar na Rua Ramiro Magalhães, no Engenho de Dentro, para que pudéssemos entrar junto no Instituto, por sua entrada principal.

Com contatos previamente estabelecidos, este espaço que já costuma receber turmas de estudantes das mais diversas idades e vinculações, agora seria nosso campo de estudo.

Embora tenha salientado que não se trata de um trabalho de campo no modelo tradicional conhecido na geografia escolar, caminharíamos sem pressa desde o portão principal, em direção ao Espaço Travessia. Neste caminho, os alunos já seriam sugeridos a observar seu entorno, absorver as novas paisagens e anotar em um caderninho, lembrar e já começar a compartilhar inquietações que surgissem. Os passos definiriam os caminhos e poderíamos passar por jardins com flores de plástico, intervenção artística proposta desde o primeiro semestre de 2022, se valendo de escultura em árvore nomeada de Marielle, em homenagem vereadora e militante por direitos humanos assassinada em 2018.

Figura 6: Intervenções artísticas no jardim



Fotografia: próprio autor, 2022

Outros rumos poderiam ser tomados até chegar ao prédio onde se constrói o Travessia, desde a entrada principal, margeando as instalações do antigo hospício, passando pela unidade de tratamento dentário. Nesta variedade de aberturas ao caminhar, outro espaço valioso, que por si só já possibilitaria uma detalhada investigação de campo, seria o Museu de Imagens do Inconsciente, que reabre pós período de isolamento pandêmico para celebrar seus 70 anos de trajetória. Inicialmente pensado pela psiquiatra Nise da Silveira para ser um centro de estudos e pesquisa, acabou por se transformar em muito mais do que isso, inclusive a imensidão de trabalhos artísticos criados pelos pacientes na unidade de terapia ocupacional pode ser conhecida neste importante centro cultural, como detalha reportagem recente da *Agencia Brasil, 2022* sobre o acervo do *MII*:

O acervo do Museu Imagens do Inconsciente (MII) é considerado patrimônio pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Ele reúne 400 mil obras catalogadas e arquivadas. Suas coleções são tombadas como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Os ateliês terapêuticos permanecem em funcionamento, de forma que a coleção do museu é diariamente acrescida de novos itens. O MII costuma receber pesquisadores, estudantes, artistas do mundo inteiro para conhecer suas obras.

Dialogando com o professor Alvaro Ferreira, que desenvolve há alguns anos exercícios de deriva com seus alunos de graduação do departamento de Geografia da PUC-Rio, elencamos alguns princípios reunidos pelo pesquisador para basear e depois adequar nossa proposta para uma escala espacialmente mais reduzida da qual costuma-se trabalhar com essa escolha metodológica, focaremos no Espaço Travessia. Como trabalho de campo da disciplina de Espaço Urbano, inclusive como proposta de avaliação dos estudantes deste curso, o professor Alvaro se reúne com os alunos no centro da cidade e combina apenas a hora e o ponto de chegada para os grupos, podendo facilmente permitir caminhadas que transponham limites de bairros. Nos seguintes pontos, a *deriva* é tratada como método, ressalta-se a dimensão política, as possibilidades de subversão, a presença a partir da dimensão do cotidiano, a questão escalar na fronteira corpo-espço, as percepções e experimentações do espaço partindo dos sentidos, o caráter pedagógico do processo e breves orientações quanto à organização, apenas para que a experiência seja desfrutada a absorvida com maior potencialidade:

2) A deriva pode ser vista como forma de vivência e método para romper com a racionalidade das representações dominantes do espaço.

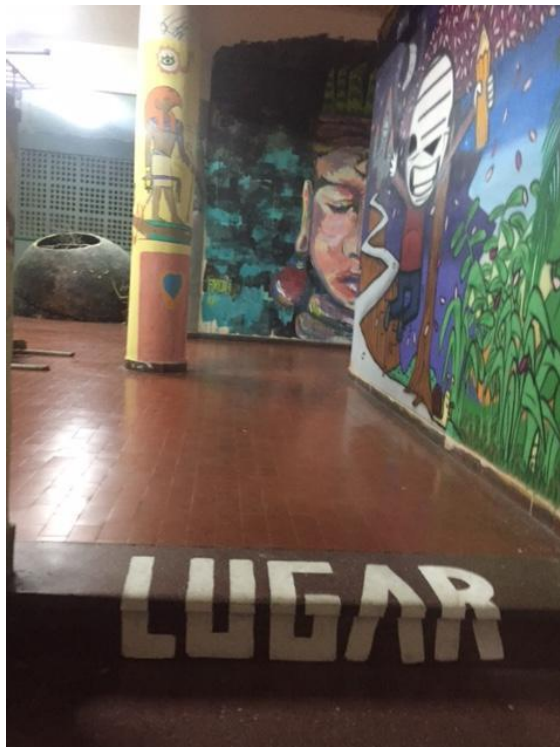
3) A deriva pode ser definida como um comportamento 'lúdico-construtivo', ligada a uma percepção-concepção do espaço urbano enquanto labirinto. Nesse sentido, como um espaço a decifrar e a descobrir pela experiência direta, mas embasada.

8) A deriva supõe a criação de contextos de aprendizagem e de investigação sobre tudo o que nos rodeia; pois quando somos conduzidos durante o caminho, estaremos presos à intencionalidade da condução. Portanto, apenas vemos o que nos é mostrado, deixando de lado todo o resto.

10) Pode-se exercitar a deriva sozinho, mas o resultado é sempre mais frutífero se a realizamos em pequenos grupos de até 3 pessoas. É

desejável que a composição desses grupos mude de uma deriva a outra. Acima de 4 participantes, o caráter próprio da deriva decresce rapidamente.

Figura 7: Chegada ao Espaço Travessia



Fotografia: próprio autor, 2022

Nesse contexto, entraríamos juntos no prédio do núcleo de cultura, observando suas instalações desde o térreo e à medida que subiríamos as escadas e a mudança no piso, as marcas e grafismos nas paredes já sinalizariam uma transição notada daquele edifício e seu interior com aparência mais sóbria e normatizada começara a ganhar elementos de uma paisagem mais viva, dinâmica, modificada. O visitante que toma contato com esse ambiente pela primeira vez pode imaginar, embora não fique claro, o acúmulo de temporalidades distintas enquanto camadas sobrepostas de intervenções, conjugando épocas e atores sociais distintos responsáveis pela ambientação atual. Mesmo não existindo uma placa, ou qualquer indicação nominal que destaque a chegada ao Espaço Travessia, podemos considerar como potente convite de boas-vindas, uma inscrição simples, recente, e bastante geográfica: LUGAR.

Grafada em letras grandes, na sua já conhecida tinta branca, que cada vez mais espalha palavras e frases ocupando a cidade, pelo artista Marcio de Carvalho (@mar_do_vale) para compor com a Ocupação Brasil Delivery [a gente só não precariza o sonho], montada por dezenas de artistas aberta ao público em maio de 2022. As cinco letras maiúsculas estrategicamente colocada entre o último degrau de escada e o piso do Travessia nos recebem e provocam a pensar como essa palavra tão frequente no senso comum, e para nós especialmente importante por seus significados geográficos, se relaciona com o espaço em questão.

Neste momento, em uma roda diante da abertura central de quem chega, passando pela inscrição LUGAR, dividiremos os 12 alunos em grupos de 3 e lançaremos a proposta de uma deriva pelo espaço. Travessia é um nome que casa e convida bastante para esta proposta de campo. Durante cerca de 1h, estes grupos de estudantes caminharam na direção que lhes interessar. Os dois amplos andares do prédio, repletos de intervenções e ocupados com obras de arte de diversos artistas serão um chamariz aos olhares, que atentos poderão perceber as permanências da produção histórica daquele espaço enquanto hospital psiquiátrico, paredes de divisórias de antigas baias (sim, termo usado para designar locais onde animais se juntam) e enfermarias, macas, portas pesadas de metais, grades nas janelas, banheiros coletivos, entre outras materializações como resquício de uma paisagem de outrora.

Figura 8: Antiga enfermaria do hospício ocupada com arte na abertura da Brasil-Delivery



Fotografia: próprio autor 2022

Figura 9: Instalação de Marcelo Valle, fotógrafo, artista, curador da ocupação e coordenador do Espaço Travessia



Fotografia: próprio autor, 2022

Poucas orientações serão dadas neste momento, mas será sugerido que façam anotações nos cadernos, possam fotografar e trocar impressões sobre os pontos que mais lhes chamaram a atenção.

Será indicado que escolham uma paisagem dentre as que observaram para descrever com detalhes para a turma, desde suas características mais evidentes visualmente, mas também cheiros, texturas, sons... além de compartilhar o que estas experimentações mobilizaram do ponto de vista emocional ou quais interesses, curiosidades e questionamentos surgiram a partir das observações.

Outra sugestão para explorar a visita e enriquecer o debate, seria que registrassem em foto e anotações uma ou mais obras, ou intervenções, que lhes interessaram para compartilhar na roda final. Pegando o nome do artista, eles poderiam buscar mais informações sobre a pessoa, salvar contato em rede social ou página para conhecer outras obras e acompanhar atividades, exposições e atuação dos artistas.

Em suma, nosso trajeto de campo completo se iniciaria pela entrada principal do Instituto, caminharíamos até o Espaço Travessia, ao final, nos deslocaríamos pelos caminhos que nos levariam até o Bosque Dona Ivone Lara.

Lá faríamos uma grande roda de conversa, compartilhando impressões, questionamentos e reflexões a partir do exercício de deriva feito pelo Travessia, articulando com as percepções da paisagem absorvidas em contato com os demais ambientes do Nise e também daquela nova praça que nos encontraríamos, sem os muros do antigo hospício e em uma zona de integração com o bairro, suas ruas, casas e comércio.

Figura 10: "TODO VALÃO JÁ FOI UM RIO" - intervenção realizada pelo artista Marcio de Carvalho, vista do Bosque Dona Ivone Lara



Fotografia: próprio autor, 2022

Como desdobramento, em sala de aula, poderiam produzir um trabalho gráfico criando alguma arte inspirada em um dos artistas e poderíamos, junto à curadoria do

Travessia, pensar em um encontro dos alunos com artistas, sendo que alguns deles já ocupam ao longo da semana uma ala outrora abandonada desde o encerramento das atividades do hospital, mas agora refuncionalizada para servir de ateliê de produção destas pessoas. Como muitos dos ocupantes do Travessia com suas obras tem uma ligação e um objetivo prioritário com a educação, também se abriria uma possibilidade de oficina com esses arte-educadores, no próprio Nise ou mesmo um convite para participar de projetos e atividades na escola, em São Gonçalo.

4.2. Propostas de travessias: conectando escalas e redes de afeto

A escola não deve ser vista como a única possibilidade para construção deste tipo de proposta de trabalho de campo. Embora seja importante afirmar a pertinência de abordar temáticas como a luta antimanicomial, inclusive articulada aos movimentos por direito à cidade, como campo de estudo da geografia escolar, ou mesmo trabalhar o conceito de paisagem a partir das observações em campo das diversas temporalidades sobrepostas como camadas nos espaços do Instituto Nise da Silveira, este rico e necessário debate possibilita desdobramentos em/para além da proposta para geografia escolar.

A proximidade geográfica se apresenta como nexos inicial imediato para uma maior vinculação das escolas do entorno com o espaço do Nise. Podemos pensar desde parcerias a nível institucional do instituto municipal com essas escolas para receber alunos e professores para trabalhos de campo, atividades de confraternização e festas, até encontros menos mediados por esferas oficiais, como o fomento das atividades que lá já ocorrem, além de novas iniciativas, intensificando a troca da comunidade com o Nise.

Pensando as propostas de educação formal e não-formal de aproveitamento dessas experiências de forma pedagógica, abre-se um rol de possibilidades. A permanente transformação do espaço, sobretudo na esteira do processo de desinstitucionalização do Nise e da refuncionalização de suas áreas e instalações, abre campo para uma progressiva construção coletiva e produção de espaços outros.

Eventos culturais como os festejos juninos, roda de samba, jongo; ensaios abertos, oficinas de percussão, samba enredo, fantasias e adereços do Bloco Loucura Suburbana; exposições ligadas a reabertura e celebração dos 70 anos do Museu de Imagens do Inconsciente, seminários sobre saúde mental, arte, antimanicomialidade; novas ocupações e ateliês abertos de artistas no Espaço Travessia e oficinas colaborativas de arte-educação, atividades para crianças, idosos, entre outras atividades que já acontecem, ganham ainda mais vigor com a volta da vida cotidiana pós-pandemia.

As múltiplas escalas conectadas/segregadas, os significados e aspectos simbólicos, imateriais e de memória percebidos/vividos em cada espaço, a recente porosidade da fronteira entre o Nise e suas escalas próximas: bairro do Engenho de Dentro e o subúrbio, como região geográfica dotada de identidades e características histórico-culturais; configuram um conjunto de motivações para pensarmos estas abordagens reforçadas no âmbito da educação formal, mais especificamente no ensino de geografia nos cursos universitários, acompanhados pela pesquisa e com um grande potencial do ponto de vista da extensão universitária, entendido como importante pilar constituinte do ensino superior, embora não usufrua de prestígio, reconhecimento e validação proporcional e merecida, por grande parte da dita “comunidade acadêmica”.

A partir dos usos já observados atualmente nos espaços do Nise, entendemos que o movimento de estabelecer-se como centralidade, na conjugação saúde-arte-cultura, para região do Engenho de Dentro, sua vizinhança suburbana, imaginamos que, cada vez mais,

grupos compostos por pessoas de diferentes idades, áreas de atuação, origens, que de alguma maneira se veem interessados em conhecer, visitar, vivenciar os espaços relacionados ao Nise, suas múltiplas escalas dentro e para além do Instituto.

Pensando no fortalecimento de vínculos, mas sem pretender prever ou direcionar qualquer ação, pensamos na possibilidade de estreitar relações a partir de uma intensificação periodizada de encontros capazes de reunir mais grupos atraídos ao Nise, a partir das mais variadas motivações. Para tal, ocasiões mais acessíveis orientariam a escolha destes momentos de reunião. Preferencialmente aos sábados, podendo variar de acordo com as necessidades e demandas surgidas, durante o dia, ao menos uma vez ao mês, incursões poderiam ser feitas, em parceria com profissionais atuantes no Instituto, em seus diversos setores, além de artistas, pesquisadores e moradores do entorno poderiam ampliar o sentido de visita expositiva pontual dos espaços para a formação de uma rede de colaboração.

Se pensarmos no antigo hospício, que existe enquanto memória; nas ocupações de espaços de arte e cultura resistem produzindo significados para a saúde mental entendida como promoção de uma vida potente a partir dos afetos; no momento que um grande parque começa a se integrar dentro daquele quarteirão, observada na nova paisagem do Bosque Dona Ivone Lara, que vem resultando na apropriação deste espaço pela comunidade; percebemos a produção de um espaço complexo, marcado pelas mudanças observadas na paisagem, pelo dinamismo de seus fluxos e pela construção coletiva.

Figura 11: Família em passeio em dia de festa junina no Instituto Nise da Silveira



Fotografia: próprio autor, 2022

Esse potencial limiar de agregar atividades ligadas à educação formal, não-formal, cultura, arte, lazer...configura-se como abertura criativa interessante e inspiradora.

5. CONSIDERAÇÕES, ABERTURAS E POSSIBILIDADES

Após analisarmos estes dois espaços e suas iniciativas, associados ao Nise, e identificarmos atividades e potencialidades pedagógicas tanto no Bloco Loucura Suburbana, quanto no Espaço Travessia, também percebemos interessantes movimentos escalares.

Desta maneira, é possível pensá-los em uma dupla dimensão, como espaço de fluxos, cada qual com suas abrangências e articulações.

Embora tais observações não sejam suficientes e nem pretendam cristalizar a análise em um padrão fechado, podemos pensar sobre dois tipos diferentes de movimento nas escalas espaciais de relação, mesmo que um movimento não se limite exclusivamente a um dos espaços-movimentos:

- Desfile do Loucura Suburbana – de dentro para fora
- Espaço Travessia – de fora para dentro

Enquanto o Bloco Loucura Suburbana tem sua sede no Instituto Municipal Nise da Silveira e de lá construa coletivamente desde 2001 seus desfiles, a partir das oficinas de percussão, de composição de samba-enredo, de adereços e fantasias, é possível verificar uma centralidade deste espaço enquanto proponente e realizador do desfile carnavalesco. Tal construção se dá de maneira organizada, desde outubro do ano anterior ao carnaval. No contexto atual, esses preparativos ganham relevância especial. A mobilização representa a retomada da trajetória do Loucura nas ruas do Engenho de Dentro, após dois carnavais inviabilizados pela pandemia de COVID-19.

Desta maneira, sugerimos um olhar para o Loucura realizando um movimento que parte de dentro do Nise, com todo seu processo ligado ao carnaval, para se conectar com o “de fora”, seja recebendo colaboradores em suas oficinas e preparativos, mas sobretudo quando o desfile da quinta-feira pré-Carnaval, transpõe as grades históricas do antigo hospício do Hospital Pedro II para ganhar às ruas suburbanas do bairro do Engenho de Dentro mobilizando foliões de diversas partes da região metropolitana do RJ para participar da festa, acompanhar o trajeto pedagógico experimentando a proposta radical e lúdica da luta antimanicomial enquanto potencial revolução pelo afeto, como defendia Doutora Nise da Silveira, a grande referência do bloco.

Por outro lado, mas convergindo em importante potencial pedagógico, estético-político e orientado pelo horizonte antimanicomial, o Espaço Travessia já tem uma atuação mais recente, cerca de cinco anos, e conjuga iniciativas de integração.

As ocupações culturais, o programa de residência artística “Arte em Travessia”, os ateliês temporários, visitas e outras colaborações se desenvolvem no espaço, criando vínculos, mas o Travessia já pode ser visto como um pólo de atração, um nó de uma rede plural, que envolve artistas, estudantes, profissionais de saúde, educadores e outros grupos. Escalas próximas são mobilizadas e o fortalecimento enquanto referência cultural-pedagógica do subúrbio coexiste com articulações mais amplas, como artistas com projeção nacional e internacional, colaborações e parcerias com universidades. O Espaço Travessia existe a partir da memória que carrega, visível em suas paredes, encravado no Engenho de Dentro, mas gestado no processo de abertura crescente vinda com a desinstitucionalização. As fronteiras borradas e porosas do Nise atualmente surgem como frestas arejadas para receber e trocar. A singularidade deste espaço se configura como convite inusitado e potente para incorporar os movimentos e pulsões criativas do

subúrbio, da cidade... para serem afetados e nutrir de afeto a travessia em curso, no dinamismo das paisagens em transformação, nos espaços experienciados, nas trocas coletivas, nas conexões vividas no lugar.

O Nise de hoje, se metamorfoseia enquanto espaço. A saúde mental se consolida como ética do cuidado e o fim de sua história enquanto complexo hospitalar psiquiátrico vive em memória, resiste, luta em sua própria negação enquanto manicômio. Os fluxos e novas fronteiras, com muros baixos, grafitados, das largas entradas sem as habituais restrições emergem relações e conexões raras.

Figura 12: Arthur Bispo do Rosário representado em grafite em muro já rebaixado próximo à entrada principal do Instituto

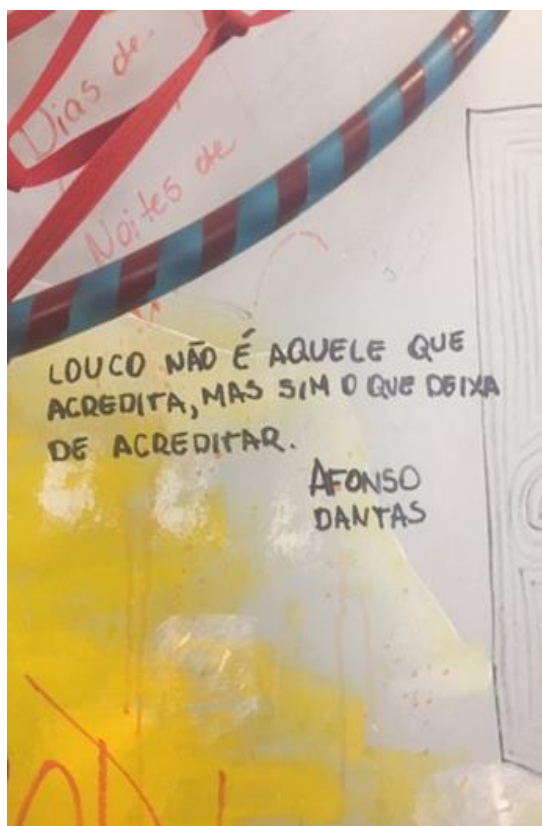


Fotografia: próprio autor, 2022

A reclusão invisível de outrora contrasta com a convergência de atividades pulsantes, que borram a ideia do que é de dentro ou de fora. O que rege não é mais a ideia de um outro que tem motivos para ser apartado, mas de uma teia horizontal que coloca pessoas em cooperação, construções coletivas movidas pelo afeto, conjugando arte, educação e luta por liberdade. Iniciativas que Doutora Nise desenvolveu há décadas, junto aos seus pacientes, orientaram a formação de gerações de profissionais. Seu método, baseado nos afetos, quebrou barreiras e hoje falar do Nise da Silveira, finalmente representa honrar seu legado.

Se hoje nos identificamos com uma luta antifascista, frente a um avanço de ideias e práticas que ameaçam nossa condição humana de vida digna e sufocam nossas subjetividades; se é preciso reconhecermos nossos privilégios e uma boa dose de empatia para apoiarmos movimentos feministas, pautas indígenas e da militância LGBT, entendemos que é preciso encamparmos com mais comprometimento uma luta antirracista e desenvolvermos nossa consciência de classe. Assim, fica clara a urgência da nossa união pela luta antimanicomial, pelo seu caráter universal, pela lógica do cuidado, pelo respeito às alteridades, pelo fato da nossa saúde mental estar em jogo.

Figura 13: Frase grafada nas paredes do Espaço Travessia.



Fotografia: próprio autor, 2022

Com a sucessão de retrocessos, a luta antimanicomial segue como resistência. Se o período de distanciamento social causado pela COVID-19 não tiver servido para nos sensibilizar e lutar por uma vida mais justa e cheia de sentidos, não valeu de nada mesmo. A saúde não está só no combate ao vírus, às doenças, está na qualidade com que podemos enfrentar os desafios e criar possibilidades, no autoconhecimento e na vida coletiva. *Quando tudo parecer uma arrebatadora luta perdida, sejamos re-existencia, façamos a festa nas frestas.*⁸

⁸ Frase de autoria de Luiz Antonio Simas, registrada no documentário Geraldinos, tratando sobre a “geral”, extinto espaço mais popular do Estádio Mario Filho, mundialmente conhecido como Maracanã. Este historiador do cotidiano nos ajuda e inspira a pensar sobre as formas de driblar as grandes estruturas

Partindo da produção do espaço do Nise da Silveira e das dinâmicas percebidas ao longo do trabalho, podemos pensar em caminhos possíveis, nos quais se apreciem os avanços conquistados pela trajetória de grupos engajados na pauta da reforma psiquiátrica, mas também, é preciso imaginar para além. Em um duplo movimento, conjunto, se faz necessário articular os fazeres cotidianos que progressivamente transformam estes espaços de maneira a ser celebrada, sem esquecer a utopia de encontrar horizontes cada vez mais vívidos. Seguir na luta antimanicomial, radical, de desconstrução de processos históricos estruturantes da nossa sociedade, apontando para a promoção de saúde plena, coletiva, passa necessariamente por uma ética colaborativa e que nos convida a caminhar para uma sociedade livre de opressões, logo, capaz de estabelecer laços de afeto em comunidade.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Livia. S. . Percursos e geografia: uma reflexão teórico-metodológica sobre o trabalho de campo. Giramundo , Rio de Janeiro , V.7, n. 14, p. 87 – 96, jul./ dez. 2020

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

Instituto Nise da Silveira expõe obras inéditas de Nelson Sargento.

Agência de Notícias das Favelas, Rio de Janeiro, 23 de julho de 2021

Disponível em:

<https://www.anf.org.br/instituto-nise-da-silveira-expoe-obras-ineditas-de-nelson-sargento/>

GALEANO, Eduardo. El Libro de los Abrazos. Ediciones La Cueva. Archivado desde el original el 1 de mayo de 2015. Consultado em 13 de outubro de 2022 Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20150501024406/http://www.portalalba.org/biblioteca/GALEANO%20EDUARDO.%20EI%20Libro%20de%20los%20Abrazos.pdf>

GANDRA, Alana. No Rio, Museu de Imagens do Inconsciente completa 70 anos.

Agência Brasil, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2022.

Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-09/museu-de-imagens-do-inconsciente-completa-70-anos>

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HONORATO, Lucas. Geografia e Saúde: o papel e os desafios d@ profissional em Geografia. Mesa 04: As Geografias do Sofrimento e o Cuidados em Saúde Mental. UFF - RJ. 2021. Evento online disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qJvO4UPv2qA>

LEFEBVRE, Henri; O direito à cidade / Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo : Centauro, 2001. Título original: Le Droit à la Ville.

RUA, João, Rogério Ribeiro de OLIVEIRA, Alvaro FERREIRA (Org.) Paisagem, Espaço e Sustentabilidade: uma perspectiva multidimensional da geografia. Rio de Janeiro: Ed. PUC. 2007

SMITH, Neil (2000 [1997]): Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antônio (org.): O espaço da diferença. Campinas: Papirus. p. 132-175.

VANEIGEM, Raoul. Traite De Savoir-Vivre A L'Usage Des Jeunes Generations. FOLIO, 1992

ZUSMAN, Perla. La Tradición del Trabajo de Campo en Geografía.

Geograficando, 7 (7), 15-32. En Memoria Académica, 2011.

Disponibile en:

https://memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf